

# Patativa do Assaré: porta-voz do sertão<sup>1</sup> Patativa do Assaré: spokes man of "sertão"

*Antonio Iraildo Alves de Brito<sup>2</sup>*

## RESUMO

Propõe-se aqui fazer um perfil do poeta Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva). Não se trata, porém, de uma pretensa biografia, tampouco é um discurso linear. O objetivo é pontuar alguns fatos marcantes da trajetória do vate que parecem de considerável relevância para a "construção" de sua obra poética.

**Palavras-chave:** Patativa do Assaré. Voz. Poesia. Cordel.

## ABSTRACT

It is proposed here to do a profile of the poet Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva). It is, however, alleged a biography, nor it is a linear discourse. The goal is to point out some milestones of the path of the bard that seem of considerable relevance to the "construction" of his poetry.

**Keywords:** Patativa do Assaré. Voice. Poetry. "Cordel".

"Eu dêxo as línguas de lado  
Pra quem as língua aprendeu,  
E quero a licença agora  
Mode eu contá minha histora  
Com a língua que Deus me deu."<sup>3</sup>

(Patativa do Assaré)

## Nota introdutória

**H**á quem afirme que o conhecimento de determinada obra, seja ela artística, seja ela científica, independe do prévio conhecimento de quem a produziu. Esse argumento poderia ser contestável quando se trata de Antônio Gonçalves da Silva (1909-2002), o Patativa do Assaré: a história de vida do poeta parece se confundir com sua poesia. Nesse sentido, pretende-se aqui apresentar o artista e sua íntima relação com a vida e a arte.

1 Artigo recebido em 9-9-09. Aprovado em 18-11-09.

2 Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). E-mail: irabruto@yahoo.com.br

3 Patativa do Assaré. *Inspiração nordestina*. p. 33.

## Poeta sertanejo

Patativa do Assaré foi agricultor-poeta. Na mesma terra em que cultivou o grão de milho, de feijão, a raiz da mandioca, a semente de algodão, também semeou a palavra vital. Vital porque na secura do sertão fez verter “água poética” de vida e beleza por meio de sua voz. Antes de ser “pássaro” e alçar voo pelo mundo da poesia, Patativa é Antônio Gonçalves da Silva, filho de pais agricultores. Nasceu na Serra de Santana, comunidade rural no município da pequena Assaré (cidade a 623 km de Fortaleza), ao Sul do Ceará.

Foi em mil e novecentos / E nove que eu vim ao mundo, / Meus pais naquele momento / Tiveram prazer profundo, / Foi na Serra de Santana / Em uma pobre choupana, / Humilde e modesto lar. / Foi ali onde nasci / Em cinco de março vi / Os raios da luz solar.<sup>4</sup>

Aos 4 anos de idade, o pequeno Antônio ficou cego do olho direito, em consequência de sarampo e da falta de atendimento médico na longínqua Assaré. Com o passar dos anos, o olho esquerdo vê apenas vultos. Na velhice cega totalmente. Assim entra na fileira de cegos no mundo da poesia: Homero, Camões, Aderaldo,<sup>5</sup> Borges e outros. Apenas para lembrar alguns, e considerando os dizeres de Zumthor,

neles atuaram as pulsações profundas que para nós significam, miticamente, figuras como Homero ou Tirésias: aqueles cuja enfermidade significa o poder dos deuses, e cuja “segunda visão” entra em relação com o avesso das coisas, homens livres da visão comum, reduzidos a ser para nós só voz pura.<sup>6</sup>

Outro acontecimento marcante na vida de Antônio é a perda do pai. Além de um olho cego, agora, a dor da orfandade. “Quando completei oito anos fiquei órfão de pai e tive de trabalhar muito, ao lado de meu irmão mais velho, para sustentar os mais novos, pois ficamos em completa pobreza.”<sup>7</sup> A partir disso, imagina-se que essas perdas já na primeira infância tenham sido parte determinante para a formação de um “coração compassivo”, como se, desde menino, sentisse em si a “dor do mundo” e, depois, tivesse de expressar em versos, fazendo seu também o padecer do outro. Não demoraria a emprestar a voz e a força de seus versos aos sem-terra, sem-teto, retirantes, menores abandonados, na defesa da ecologia e de todos os

4 Patativa do Assaré. *Ispinho e fulô*, p. 19.

5 Poeta cordelista cearense (1878-1967). Famoso na literatura de cordel. É referenciado, sobretudo, pelo clássico duelo poético: *A peleja de Cego Aderaldo e Zé Pretinho*.

6 ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. Trad. de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 58.

7 *Ibid.*, p. 11.

sertanejos e sertanejas injustiçados e excluídos pelas classes dominantes. Em seu poema “Reforma agrária é assim”, ele declama:

Era só o que fartava / Deus fez a terra pra gente / Prantá feijão, mio e fava, / Arroz, e toda semente, / E estes latifundiario / Egoísta e uzuraro / Sem quê nem praquê se apossa, / E nós neste cativêro / Sendo agregado e rendero / Da mesma terra que é nossa.<sup>8</sup>

Para o *eu-poético* é inadmissível que a terra, que Deus fez para todos, seja propriedade apenas de alguns. Nesses e noutros vários versos de igual teor crítico, o poeta denuncia as situações que desumanizam o homem do campo. Patativa começou a trabalhar na roça desde a infância. Sua infância foi de sacrifícios e poucos brincquedos, mas bem cedo uma janela de encantamento e beleza se abre para ele. Trata-se de seu contato com a poesia de cordel e a alfabetização. O horizonte da criação poética se vislumbra à sua frente. O menino Antônio está em meio às vozes da literatura de cordel, que, na Serra de Santana, “era peça obrigatória em todas as casas. Em quase todos os terreiros, se liam em voz alta as histórias fantásticas deitadas na escrita dos folhetos”.<sup>9</sup> O poeta relata a *magia* desse acontecimento:

Quando eu ouvi alguém ler um folheto de cordel pela primeira vez, aí eu fiquei admirado com aquilo, mas no mesmo instante, eu pude saber que eu também poderia dizer em versos qualquer coisa que eu quisesse, que eu visse, que eu sentisse, não é? Comecei a fazer versinhos desde aquele tempo. Sim, a partir do cordel. Porque eu vi o que era mesmo poesia. Aí dali comecei a fazer versos. Em todos os sentidos. Com diferença dos outros poetas, porque os outros poetas fazem é escrever. E eu não. Eu faço é pensar e deixo aqui na minha memória. Tudo o que eu tenho, fazia métrica de ouvido. [...] A base era a rima e a medida. A medida do verso, com rima, tudo direitinho. Aí quando eu peguei o livro de versificação de Olavo Bilac e Guimarães Passos, aí eu melhorei muito mais. Eu já tinha de ouvido, porque já nasci com o dom, não é?<sup>10</sup>

Ao entrar em contato com a poesia de cordel, ele percebe que pode explicar o mundo por meio dela: “poderia dizer em versos qualquer coisa que quisesse, que visse, que sentisse”... A partir desse momento de *epifania*, a arte se torna para ele o espaço da liberdade. Ela será seu “brinquedo” até mesmo nas horas de trabalho, na roça. Será distração, mas também peleja, briga com as palavras, tal a luta na batalha pela vida.

Na expressão fazer versos “em todos os sentidos” pode estar implícita a revelação de sua capacidade criadora, imaginação fértil, dom de fazer versos “de cabeça” e deixá-los retidos na memória. Quando se refere à composição: “A triste partida,<sup>11</sup>

8 Patativa do Assaré. *Aqui tem coisa*, p. 43.

9 FEITOSA, Luiz Tadeu. *Patativa do Assaré: a trajetória de um canto*. São Paulo: Escrituras, 2006. p. 57.

10 Patativa do Assaré. *Aqui tem coisa*, p. 39.

11 Composição musicada pelo cantor Luiz Gonzaga, o “Rei do Baião”, em 1964.

diz: “Passei o dia trabalhando e pensando e deixando retido na memória. No outro dia, quando eu voltei à roça, eu terminei. Comecei como hoje, terminei como amanhã, viu?”<sup>12</sup> Essa habilidade de memorizar é uma marca do poeta. É comum em entrevista, ele se referir à capacidade que tinha de deixar os poemas retidos na memória, sem a necessidade de retoques no papel e a passagem imediata deles para a escrita. “A triste partida”, por exemplo, tem 19 estrofes, cada uma com seis versos, totalizando 114. Tudo retido na memória de um dia para o outro.

Nesse sentido e a modo de reflexão, o poeta nos remete à Antiguidade. No panteão grego, havia uma divindade de nome *Mnemosyne* (memória). A memória era, pois, algo sobrenatural, divina. Ela tinha o encargo de presidir a função poética. O poeta era seu intérprete. Segundo Vernant,<sup>13</sup> a sacralização de *Mnemosyne* marca o preço que lhe é dado em uma civilização de tradição oral como foi a civilização grega. No caso de Patativa, é como se ele atualizasse essa tradição, pondo a memória a serviço da poesia, entregando-se a ela e deixando-se ser possuído pela “inspiração divina”, qual poeta do mundo antigo.

## Poesia híbrida

Patativa não nasceu poeta feito nem sua poesia nascia do nada. Atrás de si tem uma fila de escritores e poetas com os quais entrou em contato, leu-os, imitou-os. Em seus poemas, ele reverencia Juvenal Galeno, Catulo da Paixão Cearense, Castro Alves, Camões, entre outros. Observa-se, com isso, a possibilidade de problematizar as categorias abissais, como, por exemplo, de “pequena e grande tradição” propostas em 1930 pelo antropólogo Roberto Redfield e citadas por Burke.<sup>14</sup> Segundo esse modelo estratificado, grande tradição e pequena tradição são interdependentes. Não haveria, portanto, nenhuma possibilidade de trocas entre as duas. A primeira é detentora do saber cultivado em escolas e universidades; a segunda operaria sozinha, mantendo-se na vida dos iletrados, em suas comunidades e aldeias. Para Burke, o modelo de Redfield

é um ponto de partida útil, mas passível de críticas. Sua definição da pequena tradição enquanto tradição da não-elite pode ser criticada, de modo bastante paradoxal, por ser ao mesmo tempo ampla e estreita demais, porque omite a participação das classes altas na cultura popular, que foi um fenômeno importante na vida europeia.<sup>15</sup>

12 Patativa do Assaré. *Aqui tem coisa*, p. 48.

13 VERNANT, *Mito e pensamento entre os gregos*. São Paulo: Difel, 1973. p. 72.

14 BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. Trad. de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 51.

15 Idem.

Vê-se que Burke abre espaço para se pensar o movimento de interação cultural entre as tradições e não somente numa via de mão única. A poesia de Patativa é híbrida, porque, entre outros fatores, o poeta interage com as linguagens ditas popular e erudita. Como defende Carvalho,<sup>16</sup> “a emissão simultânea da fala cabocla e a observância da norma culta, em Patativa, não significa um antagonismo, mas registros adequados a diferentes enunciações e a um mesmo projeto poético.” Nesse sentido, as duas perguntas que seguem parecem reveladoras:

Carvalho pergunta:<sup>17</sup>

– E o senhor tem alguma preferência? Gosta mais de uma linguagem que de outra?

Patativa do Assaré responde:

– Não. Eu... eu gosto é porque quando eu apresento... ninguém sabe o que é o pensamento. Quase todo o meu poema matuto é apresentado por um analfabeto, num é? Aquilo ali eu quero mostrar ao povo, quero mostrar ao leitor que não é a filosofia não é uma coisa que ele vai aprender lá no colégio, na escola ou coisa não! É uma coisa natural que o camarada recebe como uma herança da natureza. Saber filosofar, saber dar certeza e isso e aquilo outro, viu? E é por isso que eu apresento sempre o caboclo.

Pelo que se constata na expressão do poeta, ele está pouco interessado com as dicotomias entre as linguagens *clássica* e *matuta*. A ele interessa comunicar. Em outras palavras, é como se dissesse que o pensamento deve ser livre.<sup>18</sup> O saber do homem da roça, do *caboclo*, do analfabeto é importante tanto quanto o saber dos escritórios e dos espaços acadêmicos. Não se filosofa apenas na escola, nas universidades. O *matuto* tem liberdade para pensar e explicar o mundo com a linguagem que tem e domina. Segundo o poeta, aquela dada por Deus, “natural”. Por isso, livremente opta pelo discurso *matuto*.

16 CARVALHO, Gilmar de. *Patativa do Assaré: pássaro liberto*. Disponível em PDF em: <[www.overmundo.com.br/download\\_banco/patativa-passaro-liberto-livro-de-gilmar-de-carvalho](http://www.overmundo.com.br/download_banco/patativa-passaro-liberto-livro-de-gilmar-de-carvalho)>. Acesso em: 16 set. 2009.

17 CARVALHO, G. de. *Patativa poeta-pássaro do Assaré*. 2. ed. Fortaleza: Omni, 2002. p. 46.

18 O pensamento, como o poeta se refere, parece de acordo com a concepção da pensadora Arendt, segundo a qual o pensamento é a faculdade constitutiva da pessoa humana, na qual o homem orienta seu agir no mundo: “O pensar em seu sentido não-cognitivo, não-especializado, uma necessidade natural da vida humana, a realização da diferença dada na consciência, não é uma prerrogativa de uns poucos; é antes uma faculdade que está sempre presente em todos.” (ARENDR, H. *A dignidade da política*. Trad. de Helena Martins, Frida Coelho, Antônio Abranches, César Almeida, Claudia Drucker e Fernando Rodrigues. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993. p. 166). O pensar, dessa forma, é mais que a busca da verdade; é a busca pelo sentido das coisas. Diz a autora: “A manifestação do pensamento não é um conhecimento; é a habilidade de distinguir o certo do errado, o belo do feio.” (p. 166). Noutros termos, o pensamento é a faculdade pela qual o homem mais do que simplesmente conhecer e ter posse das “grandes verdades”, é a aptidão natural por meio da qual ele enche a vida de sentido.

Tadeu Feitosa pergunta:<sup>19</sup>

– É engano meu, ou em todo poema que o senhor faz para alguém que tem estudo é feito na versificação erudita, clássica?

Patativa do Assaré responde:

– *Faço do jeito que eu quero. Quando eu quero fazer clássico, eu faço [...] Olhe! Aquele, como eu fiz aquele, bem-feito, todo em decassílabos, porque foi um pedido de um latinista: “O purgatório, o inferno e o paraíso”. Aquele é em linguagem erudita.*

Constata-se que o poeta parece ter consciência das dicotomias que o mundo dos estudiosos faz a respeito dos saberes. Ao mesmo tempo que afirma compor do jeito que quer, deixa entrever que leva em conta cada público. Assim, se é possível escolher uma palavra que justifique essa característica/qualidade do poeta, de saber dosar os saberes sem pedantismo, essa palavra é liberdade. Liberdade no ato criativo. É a liberdade que dá ao poeta a possibilidade de interagir e criar suas “teias de significados”, nos termos de Geertz.<sup>20</sup>

Nessa perspectiva, é importante também se referir a Canclini, segundo o qual as culturas se misturam e interagem. Para isso ele usa a palavra *hibridização*. Quanto ao conceito de *hibridização*, ele defende que se refere a “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.”<sup>21</sup> De modo que, para o autor nenhuma prática sociocultural é fonte pura. As fronteiras são tênues. Portanto, não haveria uma muralha intransponível entre o que se costuma chamar popular e erudito. Como enfatiza Eagleton, citando Said, “todas as culturas estão envolvidas umas com as outras; nenhuma é isolada e pura, todas são híbridas, heterogêneas, extraordinariamente diferenciadas e não monolíticas”.<sup>22</sup> Está, claro, pois, que não se trata de um “vale tudo” ou perda de autenticidade das expressões artísticas. A frase de Eagleton parece ser esclarecedora nesse sentido. É dessa forma que também se pode conceber a poética de Patativa: ele bebeu das fontes letradas e procurou fazer a convergência dessas com o “saber popular”. É explícita a sua arte em defesa do tipo humano sertanejo. Em muitos poemas, o poeta fala do sertão como se ele fosse o próprio sertão.

Um estudioso da obra de Patativa, Feitosa, informa que o poeta, ao ler *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, impressionou-se com a primeira parte do livro, na qual descreve a ecologia, a geografia do sertão. Mas na parte em que o escritor paulista co-

19 FEITOSA, op. cit., p. 211.

20 GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 4.

21 CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas*. Trad. de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2003. p. XIX.

22 SAID apud EAGLETON, Terry. *A idéia de cultura*. São Paulo: Edunesp, 2005. p. 28-29.

meça a narrar sobre o povo e sobre a luta, Patativa percebeu que ele não retratava o código que realmente formava e identificava o sertanejo.<sup>23</sup>

## O nome de pássaro

Batizado com o nome de Antônio Gonçalves da Silva, depois foi crismado como Patativa, uma ave canora do sertão. Essa representação icônica da ave pequenina, de canto mavioso, foi cunhada pelo folclorista cearense José Carvalho de Brito, quando de viagem do jovem poeta ao Norte, em 1928 (Pará e Amapá). Antônio contava 19 anos de idade, e essa foi sua primeira viagem para fora do Ceará. A partir dessa viagem, com suas cantorias feitas em terras nortistas, sobretudo, a partir do encontro com o referido folclorista (correspondente do *Correio do Ceará*, jornal da época) a poesia oral do poeta teve seu registro escrito e publicado nesse periódico, bem como mais tarde mereceu um capítulo no livro *O matuto cearense e o caboclo do Pará*.<sup>24</sup> Nos versos publicados no jornal, Brito fez a apreciação da poesia de Patativa e compara sua espontaneidade ao canto sonoro da patativa (pássaro) do Nordeste. A respeito desse encontro, Patativa recorda as estrofes ditas pelo folclorista na ocasião, em Belém do Pará:

É ave que canta solta / Inda mais canta cativa / Seu nome agora é Antônio, / Crismado por Patativa.<sup>25</sup>

É, por assim dizer, a fórmula de um rito de passagem. Desde aquele momento, o nome do poeta passa a ser divulgado e a ter a “marca” de um pássaro. O poeta ficou cerca de seis meses no Norte, declamando, cantando e fazendo a alegria dos conterrâneos sertanejos que migraram para lá, em busca de melhorias de vida, na efervescência da extração da borracha. Depois dessa temporada Antônio voltou à terra natal com a alcunha “Patativa”. A breve estadia no Norte do País e o encontro com o folclorista Brito foram significativos, ainda mais porque foi o início da divulgação, na imprensa, do poeta com nome de pássaro.

De volta ao seu “laboratório poético”, a Serra de Santana, outros poetas com o nome de patativa surgiram na região. Justamente pela fama do verdadeiro Patativa. A fim de não ser confundido, o poeta acrescentou *Assaré* ao seu nome. “Patati-

23 Cf. Reportagem de Eduardo Sales de Lima. “O tradutor centenário dos sertanejos”, jornal *Brasil de Fato*, ed. 315, p. 8, 2009.

24 Cf. depoimento de Patativa em *Ispinho e Fulô*, p. 10. De acordo com Carvalho, trata-se de uma publicação de 1930, com segunda edição pela Imprensa Universitária do Ceará, em 1973. (CARVALHO, *Patativa poeta-pássaro do Assaré*, p. 37).

25 Patativa declamou esse verso de Brito quando do recebimento do epíteto “Patativa”. (CARVALHO, *Ibid.*, p. 38).

va do Assaré”. Assim seria inconfundível. Essa imagem icônica fez ecoar seu nome pelas ondas radiofônicas, pela fama dita de boca em boca, pelos festivais nas cidades do interior; e, mais tarde, pelas gravações de seu canto em disco<sup>26</sup> e em película<sup>27</sup> pelas aparições na mídia, pelas artes plásticas, pelo registro escrito e outros.

No entanto, como poeta oral, a completude de sua obra se dava no momento da performance, “quando o corpo todo expressava o que ele dizia, e o homem de um metro e meio se agigantava, a voz se alterava, e os gestos eram eloquentes”.<sup>28</sup> Isso entendido nos termos de Zumthor, segundo o qual “a performance é a materialização de uma mensagem poética por meio da voz humana e daquilo que acompanha o gesto, ou mesmo a totalidade dos movimentos corporais”.<sup>29</sup> E mais: “É virtualmente um ato teatral, em que constituem a presença de um corpo e as circunstâncias nas quais ele existe.”<sup>30</sup> De acordo com o medievalista, o fato de muitos artistas “performarem” seus textos nos conduz a uma prática normal na Idade Média.

## Letras livres

No que tange à formação intelectual de Patativa, os relatos variam entre quatro e seis meses de aulas que ele teve na escola formal. Em sua autobiografia,<sup>31</sup> o poeta diz que com a idade de 12 anos, frequentou uma escola muito atrasada, na qual passou apenas quatro meses. Em entrevista a Carvalho, afirma que passou seis meses, somente. O certo é que o poeta ingressou já tarde na escola e a frequentou por pouquíssimo tempo. “Com seis meses eu aprendi a ler, então, dali em diante meus professores foram os livros, viu?”<sup>32</sup> Sobre isso a referência é explícita no poema “Aos poetas clássicos”:<sup>33</sup>

26 Alguns nomes que cantaram poemas de Patativa: Luiz Gonzaga (A triste partida), Fagner (Vaca Estrela e boi Fubá), Chico Buarque, Milton Nascimento e cantores do Nordeste... (Seca d'água), Quinteto Agreste (Seu dotô me conhece), Mastruz com Leite (O boi Zebu e as formigas), Alcymar Monteiro (Nordestino sim, nordestinado não), Daúde (Vida sertaneja), Zé Vicente (A lição do pinto), José Fábio (16 faixas com poemas musicados de Patativa), Rolando Boldrin, Téo Azevedo, Zé Ramalho, Renato Teixeira, Pena Branca e Xavantinho, Gereba, entre outros.

27 De Rosemberg Cariry: *Patativa de Assaré: um poeta camponês* (curta-metragem documentário, 1979); *Patativa do Assaré: um poeta do povo* (curta-metragem, 1984); *Patativa do Assaré: ave poesia* (longa-metragem, 2009). De Ítalo Maia: *Patativa* (animação, documentário, 2001).

28 CARVALHO, Gilmar de. A voz poética do sertão. *Revista Nossa História*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional; Vera Cruz, ano 2, n. 13, p. 85, nov. 2004.

29 ZUMTHOR, Paul. *Escritura e nomadismo*. Trad. de Jerusa Pires Ferreira e Sonia Queiroz. Cotia; Ateliê, 2005. p. 55.

30 *Ibid.*, p. 69.

31 Patativa do Assaré. *Inspiração nordestina*, op. cit., p. 11.

32 CARVALHO, Patativa poeta-pássaro do Assaré, p. 23.

33 Patativa do Assaré. *Cante lá que eu canto cá*, p. 17-18.

Eu nasci aqui no mato, / Vivi sempre a trabaiá, / Neste meu pobre recato, / Eu não pude estudá. / No verdô de minha idade, / Só tive a felicidade / De dá um pequeno insaio / In dois livro do iscritô, / O famoso professo / Felisberto de Carvaio.<sup>34</sup> [...] Depois que os dois livros eu li / Fiquei me sentindo bem, / E ôtras coisinha aprendi / Sem tê lição de ninguém. / Na minha pobre language, / A minha lira servage / Canto o que minha arma sente / E o meu coração encerra, / As coisas de minha terra / E a vida de minha gente.

Os seis meses de escola representaram a largada para o mundo dos livros. Os livros, aliás, têm lugar especial na vida e formação de Patativa: foram seus professores na solidão e no pouco tempo que lhe sobrava da lida pesada da roça. O poeta foi autodidata, leitor assíduo. Leu dos populares aos eruditos: Zé da Luz, Catulo da Paixão Cearense, Juvenal Galeno, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Olavo Bilac, Guimarães Passos, Machado de Assis, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade (embora não apreciasse a poesia desse autor, por não ter o recurso da rima) e outros. Teve especial apreço pela obra camoniana. Ele acrescenta: “Eu fui apenas alfabetizado. Agora fui um leitor assíduo, cuidadoso, curioso pra saber das coisas. Aprendi a ler, queria ler tudo. [...] lia revista, jornal, os poetas da língua... até Camões, aquele *Os Lusíadas*.”<sup>35</sup> E compõe:

Aqui de longínqua serra / De Camões o que direi? / Quer na paz ou quer na guerra / que ele foi grande eu bem sei / exaltou a sua terra mais do que seu próprio rei / e por isso é sempre novo no coração do seu povo / e eu, que das coisas terrestres tenho bem poucas noções / porque no tive dos mestres as preciosas lições / só tenho flores silvestres pra coroa de Camões / veja a minha pequenez ante o bardo português.<sup>36</sup>

Observa-se que nessa composição o poeta se mostra pequenino ante a grandeza do bardo português. A lista “longínqua serra, poucas noções das coisas terrestres, não teve dos mestres preciosas lições” pode querer expressar o extremo entre o imortal português e ele. Embora diga só ter “flores silvestres para coroa de Camões”, o poeta mostra-se à vontade e íntimo com as palavras. Talvez por isso, atrás da modéstia quase enganosa ou falsa, brinque com aqueles que o consideram “analfabeto”, ignorante das letras. A evidência de sua habilidade com a poesia clássica, especialmente com os decassílabos camonianos, pode ser conferida em muitas de suas composições. Um exemplo clássico é seu “O purgatório, o inferno e o paraíso”.

Ainda nesse sentido, Castro Alves foi uma das leituras preferidas de Patativa, certamente pela força social dessa poética, marca essa muito presente também na sua. Para ele, o condoreiro foi o maior poeta brasileiro. “Tanto era grande na esponta-

34 Livro escolar adotado no país entre 1892 e o fim da década de 50 do século XX. (CARVALHO, *Patativa poeta – pássaro do Assaré*, p. 23).

35 *Ibid.*, p. 24.

36 Patativa do Assaré. *Digo e não peço segredo*, p. 20.

neidade, como no tema, porque o tema dele foi um tema muito honroso, que será lembrado em todos os tempos.”<sup>37</sup> O tema muito honroso, sem dúvida, é a crítica à escravidão dos negros que o “Poeta dos Escravos” deixou como marca em sua obra e que para Patativa é fonte inspiradora, haja vista sua destreza poética em permitir que a palavra estética também seja denúncia.

## Entre o “dom” e os livros

No que se refere à criação poética, é frequente nas entrevistas e mesmo em suas composições, atribuí-la a um dom de Deus, somada à natureza, que é também fonte inspiradora, a grande mestra. Se não encontrou espaço para a aprendizagem na escola oficial, encontrou campo fértil na natureza.

Sem poder fazer escolhas / De livro artificial, / Estudei nas lindas folhas / Do meu livro natural / E assim longe da cidade / Lendo nesta faculdade / Que tem todos os sinais, / Com estes estudos meus / Aprendi amar a Deus / Na vida dos animais.<sup>38</sup>

O canto das aves, os encantos das matas, os animais, a natureza e Deus são palavras que formam um quadro harmônico, telúrico. Para Patativa a natureza é presente divino, portanto espaço abençoado, sagrado e, como tal, é belo. Percebe-se que lendo na “faculdade da natureza”, o poeta atribui seu saber a uma dádiva divina. No entanto, a história de sua vida mostra que ele não desconsiderou o empenho para aprimorar o “dom”. Envoltos num universo de oralidade, bem como numa realidade marcada pelo analfabetismo, tinha clara consciência da importância do domínio da letras, num mundo regido por elas.

Muito além dos livros de “concordância”, interessava-lhe conhecer, saber mais e mais. Ele chega a dizer que com a prática da leitura pôde obter tudo. O “tudo” parece bem representativo: é como se dissesse que todo o seu aprendizado era resultado de um incansável empenho para ter posse do “letramento”<sup>39</sup> e combinar esse com o que é próprio da voz. A expressão “não queria saber de livro de concordância e isso e aquilo” pode ser uma referência à gramática normativa, que, de certa forma, aprisiona a linguagem ou a padroniza, privilegiando um segmento específico da sociedade.

37 CARVALHO, op. cit., p. 89.

38 Patativa do Assaré. *Ispinho e fulô*, p. 20.

39 Palavra que surge nos anos 80 (séc. XX), no vocabulário da educação e das ciências linguísticas. Do inglês *literary*: letra; do latim *littera*. O sufixo *-mento* denota o resultado de uma ação. Ao “pé da letra”, letramento é “o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e a escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. (SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 18).

Nesse sentido, convém lembrar o que afirma o linguista Bagno. Segundo ele, a gramática, ao invés de ser decorrência da língua, subordinada a ela, dependente dela, ao longo do tempo passou a ser um *instrumento de poder e controle*:

A língua passou a ser subordinada e dependente da gramática. O que não está na gramática normativa “não é português”. E os compêndios gramaticais se transformaram em livros sagrados, cujos dogmas e cânones têm de ser obedecidos à risca para não se cometer nenhuma “heresia”.<sup>40</sup>

Dessa maneira, quando Patativa diz não querer saber de “livro de concordância” ele está criticando os instrumentos de poder e controle, que colocam de um lado os que falam “certo” e, de outro, os que não alcançam o ideal de “perfeição” linguístico. Nessa perspectiva, Bagno critica vários “mitos” que os “cultos” insistem em divulgar e até impor com referência à língua. Um deles é o de que, para falar e escrever bem, é preciso seguir à risca a gramática normativa. Mito esse arraigado na cultura e que já deve ter feito muito estrago, bem como impedido que muitas expressões artísticas tivessem o respaldo que merecem.

De acordo com o linguista, “a tarefa da gramática seria *definir, identificar e localizar* os falantes cultos, *coletar* a língua usada por eles e descrever essa língua de forma clara, objetiva e com critérios teóricos e metodológicos coerentes”.<sup>41</sup> Essa é uma crítica a muitos gramáticos brasileiros, que, segundo Bagno, estão mais inspirados em normas fictícias, num ideal linguístico inatingível, do que em termos científicos. Ideal esse que nem mesmo os que apregoam determinadas regras conseguem atingir. Isso pode ser o velho ranço elitista que pretende resguardar apenas para uma seleta casta o que se denomina “alta cultura”.

E Patativa parece ter-se dado conta dessa “opressão” gramatical. Porém, não cedeu à subordinação. Foi fiel à língua falada. Isso se constata na totalidade de sua obra. No entanto, pelo “arsenal” vocabular e o uso de termos cultos, o poeta esforçou-se para fazer uma síntese das regras impostas pela escrita culta e do modo próprio da fala, que embora pareça fluir espontaneamente também tem suas sofisticções próprias.

No que tange ao contexto geral da poesia patativana, percebe-se que sua prioridade é para a variedade linguística de sua região e o jeito peculiar do falar de sua gente. É como se dissesse: a vida, as artes estão acima da gramática. Isso remete de novo à Grécia antiga: a *Ilíada* e a *Odisseia* (já conhecidas no século VI a. C.) nasceram da oralidade e foram, portanto, compostas muito antes da existência de qualquer gramática normativa.

40 BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. 48. ed. São Paulo: Loyola, 2007. p. 64.

41 *Ibid.*, p. 65.

Ademais, vale ressaltar que o aprendizado do poeta certamente não era apenas o resultado de sua genialidade, tampouco algo milagrosamente “caído do céu”, mas fruto de seu esforço, apreço, liberdade e paixão em relação à poesia. No entanto, sua arte não era fruto do acaso, mas resultado, sobretudo, de seu interesse pelo saber; que, para o poeta, estava muito além da paranoia do certo e do errado, da escrita e da fala e de outras inúmeras dicotomias impostas pelos cânones.

Considera-se que o fato de Patativa do Assaré valorizar e não abandonar a variedade linguística de origem, além de ser uma opção, é também uma forma de ficar sempre próximo de seus pares, do sertão e, por meio de seus versos, poder expressar o sentimento de pertença ao mundo e de inclusão nele. Poetizando sua aldeia, ele fala de todos os deserdados do mundo, certo de que sua palavra é capaz também de explicá-lo.

## O último voo

Com beleza e também peleja o poeta desde cedo passou a ver o mundo por meio da poesia. Mundo pequeno e também grande. Pequeno se considerado apenas o espaço geográfico, uma vez que o poeta não foi homem de longas viagens: nunca foi ao Exterior. Pelo que se sabe, viajou apenas a algumas cidades do Brasil em eventos culturais para apresentar sua lira. A única vez em que se ausentou da terra natal foi por ocasião daquela viagem ao Norte do País (1928), onde permaneceu seis meses apenas.

Seu mundo é humano, e a natureza é a origem de sua inspiração. No início de sua vida poética, qual menestrel, cantou *a, em e nos* arredores de sua aldeia. Foi cantor de sua terra e “daí viria a sua universalidade. Espécie de intérprete da beleza, do sofrimento e dos sonhos do homem do campo. Ele afinou seu canto nesta perspectiva e, pássaro, soltou-se sem perder de vista sua inserção em uma realidade contraditória e perversa”.<sup>42</sup> Por meio da literatura de cordel descobriu a força da palavra poetizada. Aos 16 anos, com a venda de uma ovelha, conseguiu comprar a primeira viola. Da junção cordel e cantoria foi tecendo a trajetória de compositor, cantor e improvisador, ao mesmo tempo que seguia com a lida de agricultor. Sua poesia é também canto que pede respeito e cobra o valor devido que essa profissão merece. Trabalhou na roça até os “sessenta e tantos anos”, como dizia quando lhe perguntavam até que idade trabalhara no roçado.

---

42 CARVALHO, *Patativa do Assaré: pássaro liberto*, p. 15.

Com sessenta anos de idade / O destino me fez guerra, / Fui residir na cidade / Deixando a querida serra.<sup>43</sup>

Alguns motivos que o teriam obrigado a deixar o sítio pela cidade foram os problemas de saúde e, conseqüentemente, a impossibilidade de trabalhar no roçado; além disso, para facilitar a divulgação de sua poesia, a cidade oferecia mais possibilidades para cumprir seus compromissos e atender ao público que o procurava. Mas, de acordo com informação de Andrade, a motivação maior do poeta foi de que, morando na cidade, podia oferecer estudos aos netos:

Mudei para cá por causa do estudo dos meus netos. Meus filhos todos pobres, com o estado financeiro muito fraco, viu? E eu que tinha mais jeito, passei para o Assaré para que os meninos estudassem, ficassem lendo e escrevendo. [...] Por que o analfabetismo é até um crime, é uma tristeza. Rapaz, o analfabetismo é, é uma tristeza, é um crime.<sup>44</sup>

Eis a preocupação do poeta pela formação de sua prole, o desejo de oferecer horizontes de saber para os seus. Ele sabia mais que tudo da importância do domínio das letras para o exercício da cidadania e da liberdade. Daí o esforço para facilitar a alfabetização dos netos. O capítulo da constituição de sua família começara quando ele tinha 25 anos de idade: casou-se com Berlamina Paes Cidrão, com quem teve nove filhos. Para esposa, a quem carinhosamente chamava Belinha, assim declamou:

Quem é esta mulher, de média altura / Que mesmo tendo seus cabelos brancos / Anda firme com os passos francos / [...] se ela reza, contrita, é quase pia / E na igreja comunga e se confessa / Vou pedir-lhe que faça uma promessa / Para a gente morrer no mesmo dia.<sup>45</sup>

Dona Belinha faleceu antes: aos 15 de maio de 1994. A esse respeito, uma das filhas do poeta, Inês Cidrão Alencar, 70 anos, assim se expressa: “Depois da morte dela, ele ficou muito triste e se trancou no quarto. Ele ficou lá, sozinho, e só abriu a porta quando as filhas chegaram.”<sup>46</sup> Após oito anos, o poeta-pássaro também parte, faz seu “último voo”: morre aos 8 de julho de 2002. Dirá o poeta cordelista Alfredo:

Tinha noventa e três anos / E a indesejada chegou / Patativa desta terra / Batendo asas avoou / O seu verso para o mundo / Num legado se tornou.<sup>47</sup>

Nessa sextilha, o poeta diz que Patativa deixou um legado: ele voou, mas sua poesia fica. Convém lembrar que um dos últimos desejos do poeta, transmitido a Feito-

43 Patativa do Assaré. *Ispinho e fulô*, p. 22.

44 ANDRADE, Cláudio Henrique Sales. *Patativa do Assaré: as razões da emoção: capítulo de uma poética sertaneja*. Fortaleza: UFC; São Paulo: Nankim, 2003. p. 59.

45 *Digo e não peço segredo*, op. cit., p. 122.

46 Cf. Reportagem de Lima, E. S. de. O “Sinhorzinho” de Belinha: *Jornal Brasil de Fato*, p. 8.

47 ALFREDO, Olegário. *Patativa do Assaré: o Camões do Nordeste brasileiro*. Belo Horizonte, 2002. p. 8. Folhetim.

sa, foi de que sua obra pudesse ser estudada, especialmente pelas crianças: “Mas eu não quero que seja estudado como é na escola, não, estudar para fazer prova, estudar para ser cobrado; eu queria que estudassem para ser refletido.”<sup>48</sup> Interessante essa observação do poeta que oferece uma boa pauta para se pensar a respeito do sistema educacional. Ele mesmo enfrentou o drama de se sentir sufocado numa sala de aula, tanto que não a suportou mais do que seis meses. O desejo de que sua poesia fosse estudada de modo livre e que gerasse reflexão aponta para esse legado mencionado no cordel acima. Outro colega, que também tem nome de pássaro, Rouxinol do Rinaré, despede-se do poeta com este mote:

Foi sempre muito afinado / Seu canto, seu violão, / Versejou sobre o sertão / Com rima e verso afinado / Por Deus Ihe foi confiado / Um dom pra cantar a vida / Sua missão foi cumprida / O Nordeste está de luto / Por sua triste partida!<sup>49</sup>

O cordelista ressalta aspectos que merecem ser considerados. Quando ele menciona “rima e verso afinado”, lembra a habilidade de Patativa para lidar com as palavras e encontrar as rimas certas em suas composições. Isso certamente Ihe exigia esforço. Há relatos de que muitas vezes na roça, quando trabalhava em adjunto, calava-se e algumas vezes até se isolava dos colegas. Enquanto esses proseavam à vontade sobre os mais variados assuntos, o poeta “se debatia” com as palavras e as guardava na mente.

## Nota conclusiva

Conhecer a poética patativana é conhecer um pouco mais do Brasil, usando uma expressão do próprio Patativa: o “Brasil de baixo”. Apreciar sua obra é entrar em contato com uma expressão artística que nasce da força, da resistência e da criatividade peculiar do “mundo dos simples”. Conhecê-lo é somar valores à cultura brasileira. O poeta fez poesia na mesma língua de escritores cultos como João Cabral de Melo Neto e Guimarães Rosa, apenas para citar dois clássicos. Fez verso nessa mesma língua, no mesmo país, no mesmo período histórico e tratou de temas semelhantes. Trata-se, portanto, de uma voz, de um “texto aberto”, por isso universal. Há, pois, muito que conferir e aprofundar na variedade de temas e na “fartura” de versos que o poeta do sertão produziu generosamente (conferir alguns de seus livros nas referências). Trata-se, portanto, de uma voz, de um “texto aberto”. Em suma, é uma poesia universal, nascida numa região. Poesia com cheiro e musicalidade do sertão. Sertão de Patativa.

<sup>48</sup> LIMA, op. cit., p. 8.

<sup>49</sup> ROUXINOL DO RINARÉ. *Patativa do Assaré deixa o Nordeste de luto*. Fortaleza: Tupynanquim, 2002. p. 4. Folhetim.

## Referências

- ALFREDO, Olegário. *Patativa do Assaré: o Camões do Nordeste brasileiro*. Belo Horizonte, 2002. Folhetim.
- ANDRADE, Cláudio Henrique Sales. *Patativa do Assaré: as razões da emoção: capítulo de uma poética sertaneja*. Fortaleza: UFC; São Paulo: Nankim, 2003.
- ARENDDT, Hannah. *A dignidade da política*. Trad. de Helena Martins, Frida Coelho, Antônio Abranches, César Almeida, Cláudia Drucker e Fernando Rodrigues. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. 48. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. Trad. de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas*. Trad. de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2003.
- CARVALHO, Gilmar de. A voz poética do sertão. *Revista Nossa História*, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional; Vera Cruz, ano 2, n. 13, nov. 2004.
- \_\_\_\_\_. *Patativa do Assaré: pássaro liberto*. Disponível em PDF em: <[www.overmundo.com.br/download\\_banco/patativa-passaro-liberto-livro-de-gilmar-de-carvalho](http://www.overmundo.com.br/download_banco/patativa-passaro-liberto-livro-de-gilmar-de-carvalho)>. Acesso em: 16 set. 2009.
- \_\_\_\_\_. *Patativa poeta-pássaro do Assaré*. 2. ed. Fortaleza: Omni, 2002.
- EAGLETON, Terry. *A idéia de cultura*. São Paulo: Edunesp, 2005.
- FEITOSA, Luiz Tadeu. *Patativa do Assaré: a trajetória de um canto*. São Paulo: Escrituras, 2003.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- LIMA, Eduardo Sales de. O tradutor centenário dos sertanejos, *Jornal Brasil de Fato*, ed. 315, de 12 a 18 mar., 2009.
- PATATIVA DO ASSARÉ. *Aqui tem coisa*. São Paulo: Hedra, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Cante lá que eu canto cá*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Inspiração nordestina*. São Paulo: Hedra, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Ispinho e fulô*. São Paulo: Hedra, 2005.
- ROUXINOL DO RINARÉ. *Patativa do Assaré deixa o Nordeste de luto*. Fortaleza: Tupynanquim, 2002. Folhetim.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- VERNANT, J. P. *Mito e pensamento entre os gregos*. São Paulo: Difel, 1973.
- ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. Trad. de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- \_\_\_\_\_. ZUMTHOR, Paul. *Escritura e nomadismo*. Trad. de Jerusa Pires Ferreira e Sonia Queiroz. Cotia: Ateliê, 2005.